

# O futuro desigual do trabalho nos EUA

Maneira pela qual as vantagens da automação serão distribuídas entre os trabalhadores de uma série diversificada de origens profissionais não é tecnologicamente predeterminada

Por Laura Tyson e Susan Lund

17/09/2019 05h00 · Atualizado há 7 horas



O mercado de trabalho dos EUA está em boa forma - por enquanto. Mas as perspectivas econômicas dos americanos variam de forma significativa, dependendo de quem são e de onde moram, e essas diferenças vão se acentuar com a aceleração do ritmo de automação nos próximos dez anos.

Para começar, algumas das maiores categorias ocupacionais da economia americana - funcionários do setor de alimentação fora do lar, de suporte de escritório, de produção industrial, de serviços de varejo e de atendimento ao cliente - estão altamente expostos à

automação poupadora de mão de obra. Além disso, novas pesquisas do McKinsey Global Institute (MGI) detectam que as perdas de emprego nesses setores tendem a se concentrar grandemente em grupos demográficos específicos.

**Embora a automação ameace aprofundar as disparidades já existentes, oferece uma oportunidade de elevar a produtividade e modernizar os postos de trabalho. Aproveitar ao máximo o superávit de mão de obra criado exige políticas públicas inteligentes**

O grau de instrução desponta como o fator mais decisivo na determinação da probabilidade de perda de emprego ligada à automação. Pessoas que concluíram o ensino médio ou níveis mais baixos têm probabilidade quatro vezes maior de trabalhar em funções altamente automatizáveis do que pessoas que concluíram o curso superior ou níveis mais elevados. Pessoas desprovidas de educação superior corresponderão a mais de 75% do total dos que perderão o emprego em favor de soluções tecnológicas até 2030, com base num cenário mediano do ritmo da automação.

Além disso, detentores de diplomas em faculdades e em cursos de pós-graduação não estão imunes aos efeitos da automação, especialmente diante do avanço na escala de sofisticação dos sistemas de inteligência artificial. Mas pessoas que alcançaram esse nível de escolaridade vão usufruir de maior grau de segurança no trabalho em comparação a pessoas desprovidas de qualquer instrução superior - e, se tiverem de mudar de emprego, disporão de um leque mais amplo de oportunidades.

Variações grandes e persistentes de nível de instrução entre grupos raciais e étnicos estarão presentes nas tendências futuras das perdas de emprego. Por exemplo, apenas 75% dos trabalhadores hispânicos nos EUA têm, pelo menos, um diploma do ensino médio, comparativamente a 90% dos trabalhadores brancos, afro-americanos e asiático-americanos. No cômputo geral, mais de um em cada quatro trabalhadores hispânicos, quase 7,5 milhões de pessoas, poderão perder o emprego nos EUA.

A automação também vai afetar os trabalhadores de forma diferenciada por faixas etárias. Dos aproximadamente 14,7 milhões de trabalhadores americanos com menos de 34 anos que poderão perder o emprego com a maior automação até 2030, quase 50% ocupam funções com altas taxas de distanciamento, o que implica que os empregadores não têm fortes incentivos para lhes oferecer cursos de reciclagem profissional e transferi-los para outras funções.

Ao mesmo tempo, cerca de 11,5 milhões de trabalhadores com mais de 50 anos poderão perder o emprego. Embora alguns deles estejam próximos da aposentadoria, outros têm ainda anos pela frente até reunir as condições necessárias exigidas pela Previdência Social.

Além disso, a automação terá efeitos desiguais entre os gêneros. Os homens, por exemplo, constituem a maioria dos motoristas e trabalhadores de linhas de montagem - duas funções altamente automatizáveis -, enquanto as mulheres representam a maioria de cargos altamente automatizáveis de assistentes administrativas e contadoras, nos seus vários graus. Pela projeção da MGI, as mulheres representarão 47% dos trabalhadores que perderão o emprego e os homens, 53% deles até 2030. Mas as mulheres também deverão abocanhar uma parcela maior do crescimento líquido de postos de trabalho, devido à sua maior presença em profissões da área de saúde e em serviços de cuidados pessoais.

Muitas dessas funções, no entanto, pagam baixos salários, o que faz com que surjam interrogações sobre se o fosso salarial por gênero vai diminuir ou vai se ampliar. Com base nas tendências atuais, é provável que as mulheres continuem a enfrentar barreiras a seu acesso a empregos de altos salários e alta qualificação no setor tecnológico, que deverá crescer em decorrência da automação. Atualmente, as mulheres respondem por cerca de 47% da população economicamente ativa nos EUA, mas ocupam apenas de 20% a 25% dos empregos tecnológicos. Aumentar a parcela de mulheres com formação em ciência, tecnologia, engenharia e matemática e eliminar as desigualdades de gênero no acesso aos empregos em tecnologia constituirá tarefa essencial para reduzir a vulnerabilidade das mulheres à automação.

Um último fator é o geográfico. Com sua projeção para 2030, a MGI conclui que apenas 25 áreas urbanas americanas poderão vir a responder pela maioria do crescimento líquido dos postos de trabalho nos EUA, como também aconteceu na década que se seguiu à Grande Recessão (iniciada em 2008 com o fechamento do Lehman Brothers). Cidades americanas como Phoenix, Arizona e Austin, no Texas, têm economias diversificadas e altas concentrações de setores de serviços tecnológicos e de suporte às empresas, que vão se expandir juntamente com a automação.

Milhões de trabalhadores em meio de carreira precisarão de qualificações mais técnicas e mais especializadas para permanecer na população economicamente ativa, além de chances de mobilidade ascendente. Disponibilizar programas de treinamento eficazes para todos os que precisam deles deveria ser a prioridade em todo o país. Os empregadores serão os fornecedores naturais de treinamento para muitos trabalhadores. Mas trabalhadores que precisam de reciclagem profissional para encontrar empregos em novas empresas ou para trocar totalmente de profissão precisam ter acesso a faculdades comunitárias, plataformas de aprendizagem "on-line" e outras fontes. Instituições sem fins lucrativos, entidades de classe e todos os níveis de governo terão um papel a desempenhar na reciclagem profissional de trabalhadores e em sua realocação em novos postos de trabalho.

Embora a automação ameace aprofundar as disparidades já existentes, ela oferece ao mesmo tempo uma oportunidade de aumentar a produtividade e modernizar os postos de trabalho. Aproveitar ao máximo o superávit de mão de obra criado pelas novas máquinas inteligentes exige políticas públicas inteligentes. Colher os ganhos de produtividade possibilitados pelas novas tecnologias e tornar o crescimento da economia mais inclusivo não têm de ser metas mutuamente excludentes. A maneira pela qual as vantagens da automação serão distribuídas entre os trabalhadores de uma série diversificada de origens profissionais não é tecnologicamente predeterminada. Depende inteiramente de nós. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

**Laura Tyson é ex-presidente do Conselho de Assessores Econômicos do presidente dos EUA, é professora da Faculdade Haas de Administração de Empresas da Universidade da Califórnia.**

**Susan Lund é sócia da McKinsey & Company e dirigente do McKinsey Global Institute (MGI).**

---

SEJA O PRIMEIRO A COMENTAR

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os **termos de uso**, denuncie. Leia as **perguntas mais frequentes** para saber o que é impróprio ou ilegal.